

A PERCEPÇÃO DA SENSACÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA NO SETOR SANTA FÉ NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA

THE PERCEPTION OF THE SENSE OF PUBLIC SAFETY IN THE SANTA FÉ SECTOR IN GOIÂNIA

Thiago Vasconcelos Barros Alves¹
Leon Denis da Costa²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo examinar as percepções dos moradores a respeito da sensação de segurança, do medo do crime e da eficácia das estratégias policiais no Setor Santa Fé no município de Goiânia. A abordagem quantitativa foi utilizada, aplicando um questionário a 101 indivíduos como amostra aleatória e voluntária. Os resultados mostram que a maioria dos moradores, predominantemente jovens adultos com ensino médio completo, considera a iluminação inadequada nas ruas e o ambiente noturno como fatores que afetam sua percepção de segurança. Como consequência, 60% dos residentes do bairro já foram vítimas de crimes, demonstrando uma escalada do medo do crime. Além disso, a análise enfatiza a demanda por policiamento comunitário como meio de amenizar esse tipo de situação. Em resumo, este estudo fornece uma melhor compreensão da dinâmica entre a percepção da segurança, o nível de vitimização e a eficácia das estratégias de segurança e das políticas públicas. Isso é feito baseando-se nas circunstâncias específicas do setor de Santa Fé.

Palavras-chave: Medo. Crime. Sentimento de insegurança. Polícia.

ABSTRACT

This study aims to examine residents' perceptions regarding their sense of security, fear of crime and the effectiveness of police strategies in the Santa Fé Sector in the municipality of Goiânia. The quantitative approach was used, applying a questionnaire to 101 individuals as a random and voluntary sample. The results show that the majority of residents, predominantly young adults with completed high school, consider inadequate street lighting and the nighttime environment as factors that affect their perception of safety. As a result, 60% of the neighborhood's residents have already been victims of crime, demonstrating an escalation in fear of crime. Furthermore, the analysis emphasizes the demand for community policing as a means of alleviating this type of situation. In summary, this study provides a better understanding of the dynamics between perceived safety, level of victimization, and the effectiveness of safety strategies and public policies. This is done based on the specific circumstances of the Santa Fe sector.

Keywords: Fear. Crime. Feeling insecure. Police.

¹ Aluno do CFP 2023, Turma D, do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás (CAPM). E-mail: thiagovbalves@gmail.com

² Professor Orientador. Tenente-Coronel PMGO. Professor Titular da Especialização em Polícia e Segurança Pública do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás. Especialista em Gerenciamento de Segurança Pública e Mestre em Sociologia. e-mail: leondenis1978@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A sensação de segurança é um critério subjetivo e, por isso, pode variar a depender do indivíduo e do seu meio social. Deste modo, vale destacar que, conforme a Constituição Federal, a segurança pública é dever do Estado, direito e responsabilidade de todos. Assim, percebe-se que a sensação de segurança pública e a segurança pública prestada pelo Estado estão diretamente relacionados por meio de prestações positivas, as quais asseguram que o cidadão se sinta seguro. De maneira análoga, é necessário compreender o contexto social e as experiências individuais na construção do medo do crime. A exposição contínua à violência, à desordem e à falta de segurança em determinadas áreas pode levar as pessoas a desenvolverem um medo genuíno do crime, independentemente das estatísticas de criminalidade mais amplas. Outro detalhe importante é que percepção de segurança é, muitas vezes, mais importante do que a própria segurança, pois influencia diversas áreas da sociedade, entre elas o comércio, o lazer e a educação. Por isso, cabe ao Estado fornecer não só fornecer a segurança propriamente dita, mas também promover ações que façam o cidadão sentir-se mais seguro (LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G, 2014).

Qual é a sensação de segurança percebida pelos moradores do Setor Santa Fé, no município de Goiânia? Quais medidas devem ser adotadas pela Polícia Militar e pelo Estado a fim de fazer com que os moradores se sintam seguros?

A relevância deste presente trabalho envolve abordar questões significativas de segurança, melhorar a qualidade de vida dos residentes e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de segurança mais eficazes e adaptadas às necessidades específicas da comunidade. Além disso, servirá de amparo para compreender melhor o fenômeno do medo do crime, além de trazer uma avaliação a respeito dos serviços e estratégias prestadas pelo Estado quando se observa o medo do crime.

Considerando a complexidade dessa temática, o objetivo geral do presente trabalho é identificar se os moradores do Setor Santa Fé, no município de Goiânia, sentem-se seguros.

No que tange aos objetivos específicos, tem-se que são: conceituar sensação de segurança; verificar, por meio de questionário aplicado aos moradores do Setor Santa Fé, município de Goiânia, a sensação de segurança dos habitantes daquela região; identificar quais fatores corroboram com que as pessoas se sintam seguras e quais medidas o poder público deve adotar para garantir essa sensação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DEFININDO O MEDO DO CRIME E O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

O medo do crime não se trata simplesmente de uma resposta irracional ou injustificada, mas sim de uma reação complexa e influenciada por diversos fatores. Tal fenômeno é moldado pela interação de fatores não somente individuais, como também sociais. Nesse mesmo contexto, a percepção de risco pessoal, assim como a influência da mídia, da vizinhança e das experiências pessoais influenciam sobremaneira na formação do medo do crime. Além disso, existe uma clara distinção entre o medo do crime "geral" (medo do crime em geral) e o medo do crime "específico" (medo de crimes específicos), em que é observado que essas duas formas de medo podem ser influenciadas de maneira diferente, conforme a análise de cada caso separado. Além disso, fatores como iluminação precária e infraestrutura influenciam na percepção do medo do crime (JACKSON, 2006, apud GUEDES, I.S, CARDOSO, C. e AGRA, C, 2012).

Outra visão relevante é a do escritor e cientista Gary Cordner (2010), em que ele considera:

O medo do crime tem um efeito incrivelmente corrosivo, tanto nos indivíduos como em comunidades inteiras. Este assunto tem sido motivo de grande preocupação para todos nós que nos dedicamos à aplicação da Lei. O medo vem moldando negativamente todos os aspectos inerentes à qualidade de vida das comunidades norteamericanas [...] O medo do crime, de forma rotineira, conduz as políticas locais e, ocasionalmente, influencia as eleições nacionais, e tem sido o catalisador de um vasto, e cada vez maior, esforço federal no combate ao crime desde 1960. Preocupações acerca do crescimento do medo do crime nas décadas de 80 e 90 ajudaram a encorajar o desenvolvimento dos programas de policiamento comunitário. Desde a década de 90, os atuais níveis de criminalidade caíram dramaticamente, mas o medo do crime parece não ter regredido, pelo menos não tão rapidamente nem tão substancialmente (CORDER, 2010, p.4-7).

Outra visão a respeito do medo do crime é aquela de Lima, R. S.; Ratton, J. L.; Azevedo, R. G (2015), segundo a qual fica explicitado que o medo do crime seria a apreensão ou a ansiedade que as pessoas se submetem em relação à possibilidade de se tornarem vítimas de crimes, ou seja, o medo de serem roubadas, assaltadas, violentadas, ou de serem alvo de qualquer outro ato criminoso. Essa definição ressalta a dimensão emocional e psicológica do medo do crime, na qual se enfatiza a apreensão ou ansiedade que as pessoas experimentam em relação à possibilidade de serem vítimas de crimes. Além disso, a definição do autor reconhece que o medo do crime pode abranger uma ampla variedade de preocupações, desde roubos e agressões até outros atos criminosos, refletindo a complexidade desse fenômeno.

Considerando a abordagem do medo do crime como algo emocional e psicológico, e que se modifica ao longo do tempo, por ser um fenômeno complexo, Junyor Gomes Colhado (2006) escreve:

O crime em nossa sociedade consiste além de um fenômeno social, uma realidade. Ele está presente no dia a dia da população e não pode ser classificado apenas como um conceito imutável, estático, e único, no espaço e no tempo. O conceito de crime evoluiu e se modificou ao longo do tempo. (COLHADO, 2006, p. 1)

De acordo com Ferraro (1995 *apud* Cordner, 2010), o sentimento de insegurança contém três dimensões, a primeira é a afetiva, que corresponde ao medo do crime, a segunda é a cognitiva, que refere-se a percepção do risco de vitimação e por último uma dimensão comportamental, que seria o caso de evitar certos locais e pessoas. Diante disso, apesar destas atitudes tratarem de um aspecto pessoal em relação ao crime e poderem se inter-relacionar, elas não seriam idênticas.

Os estudos contemporâneos tratam de observar quais fatores ou fenômenos levariam ao sentimento de insegurança, entre os quais cita-se a obra *Crime, polícia e justiça no Brasil* (2014), que expõe:

Caso o compromisso com a comunidade seja alcançado, o problema passa a ser a capacidade da polícia de responder com presteza às suas demandas. Conforme destacado anteriormente, vários problemas que levam ao sentimento de insegurança não são questões de polícia propriamente ditas, mas de infraestrutura urbana, como ruas não pavimentadas, excesso de lixo no espaço público, prédios abandonados, ausência de creches e de escolas em tempo integral – o que aumenta a quantidade de crianças e de adolescentes circulando sem ocupação na área –, a presença de bêbados, drogados, prostitutas e bancas de jogos ilegais, entre outros fatores. Assim, as outras instâncias do poder público podem não estar substantivamente comprometidas com a melhoria da qualidade de vida na área e esse fato pode acabar por minar a própria credibilidade da população no modelo de policiamento comunitário (LIMA, RATTON, AZEVEDO, 2014, p. 443).

Segundo (Furstenberg, 1971, *apud* Cordner, 2010), existem duas formas de reações psicológicas ao crime: o medo e a preocupação. A partir dessa alegação, ele trouxe o conceito de medo como uma sensação de agitação ou ansiedade pela própria segurança ou de seus bens pessoais. Dessa maneira, o medo não seria experimentado apenas no momento real de um perigo, mas também como uma reação a um perigo que está apenas prestes a acontecer (perigo em potencial). A segunda reação representa a preocupação com o crime como um tipo de problema social. Nesta perspectiva, o sentimento não está ligado ao medo pessoal de ser vítima de ações criminosas, mas a um estado de agitação que leva em consideração a segurança como um todo, no contexto geral e de forma mais abstrata, em que essa preocupação existiria, mas apenas abstratamente.

2.2 ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR O MEDO DO CRIME E A INSEGURANÇA

2.2.1 Melhorar a iluminação pública e o ambiente urbano:

A iluminação pública adequada é uma estratégia eficiente, pois espaços bem iluminados tornam-se menos propensos a atividades criminosas, uma vez que os criminosos preferem agir nas sombras e em espaços incapazes de dificultar suas ações criminosas. Por outro lado, melhorar o ambiente urbano inclui a manutenção de parques, calçadas e áreas públicas. Espaços bem cuidados tendem a transmitir uma sensação de segurança e comunidade, reduzindo o medo do crime. Dessa forma, melhoria da iluminação em áreas públicas, bem como a manutenção de espaços urbanos, pode reduzir a sensação de insegurança. Ambientes mais bem cuidados e iluminados tendem a dissuadir atividades criminosas e aumentar a sensação de segurança (JACKSON, 2006, apud LIMA, RATTON, AZEVEDO, 2014).

2.2.2 Promover a coesão social e a comunicação comunitária:

A coesão social consiste na força dos laços e relações sociais em uma comunidade. Por conseguinte, é sabido que comunidades coesas tendem a ser mais resilientes ao crime, uma vez que os vizinhos se conhecem e trabalham juntos em questões de segurança, defendendo uns aos outros. De maneira análoga, a comunicação comunitária pode ser facilitada por meio de reuniões, grupos de vizinhos e redes sociais. Essa comunicação ajuda a identificar as preocupações comuns dos moradores de um bairro, por exemplo e a planejar estratégias de segurança para as forças policiais. Conforme a visão de (Sampson, Raudenbush, & Earls, 1997, apud LIMA, RATTON, AZEVEDO, 2014), as comunidades coesas, onde os vizinhos conhecem uns aos outros e colaboram em questões de segurança, geralmente experimentam menos medo do crime. Portanto, o incentivo à comunicação e à cooperação entre os residentes pode ser uma ação eficaz no combate ao medo do crime.

2.2.3 Aumentar o policiamento comunitário

Estratégias de policiamento comunitário envolvem uma presença policial mais visível e interativa nas comunidades. Isso pode melhorar a confiança nas forças policiais e reduzir o medo do crime. Diante dessa definição, observa-se em LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G (2014) que o policiamento comunitário seria uma das soluções para o

problema do medo do crime, isso porque estaria associado aos “problemas comumente verificados da prestação do serviço policial, por isso o que se diz é:

Desde a década de 1990, o policiamento comunitário tem sido apontado como grande solução para os problemas comumente verificados na prestação do serviço policial; e, por isso, o termo “policiamento comunitário” se tornou de uso obrigatório por qualquer organização policial que se pretende moderna. Exatamente por isso, o policiamento comunitário não pode ser entendido como um programa ou uma estratégia, mas sim como um processo de reforma organizacional da polícia, visto que envolve mudança na estruturação da agência, nos fluxos dos processos decisórios e ainda na natureza dos mecanismos utilizados para diagnóstico dos problemas que suscitam intervenção policial (LIMA, RATTON, AZEVEDO, 2014, p. 435).

2.2.4 Redução da exposição à mídia sensacionalista

A mídia sensacionalista, que muitas vezes focaliza os crimes violentos e incidentes isolados, pode aumentar o medo do crime. Por essas razões o recomendado é que as pessoas consumam notícias de maneira crítica e equilibrada, sempre buscando fontes confiáveis e evitando a exposição excessiva a conteúdos alarmantes e exagerados. Diante desse viés, o consumo de notícias de maneira equilibrada e crítica pode ajudar a reduzir o medo do crime relacionado à mídia, assim como evitar a exposição excessiva a histórias sensacionalistas de crime pode diminuir a percepção exagerada da ameaça (COLHADO, 2015).

Por conseguinte, o uso consciente de notícias pode auxiliar a manter uma percepção mais precisa do risco real de crime em uma comunidade. Há uma influência da mídia na percepção pública do crime. Além disso, existe uma tendência da mídia de selecionar e destacar casos de crime que são excepcionais, sensacionais ou dramáticos, relatando histórias de crime que atraem a atenção do público, muitas vezes enfatizando crimes violentos, chocantes e incomuns. Todos esses aspectos criam uma percepção distorcida da população diante da realidade (COLHADO, 2015). Para tanto, a busca por fontes confiáveis por parte da população é imprescindível quando tiver acesso a algum tipo de informação relacionada a crimes, sobretudo aquelas associadas aos crimes violentos e marcantes.

2.2.5 Implementar programas de prevenção do crime

Programas de prevenção do crime que abordam as causas implícitas da criminalidade podem ser bastante eficazes. Isso inclui programas para jovens em áreas de risco que oferecem educação, treinamento profissional, oportunidades de emprego, boas condições de saúde,

infraestrutura, etc. Além disso, é possível que o medo do crime seja reduzido por meio de programas que melhoram a segurança em locais problemáticos, como iluminação e monitoramento de atividades criminosas (SHERMAN, 1997, apud LIMA, RATTON, AZEVEDO, 2014).

De acordo com Cordner (2010), as reuniões com a comunidade representa uma ferramenta que trata o medo do crime:

Outro método bastante útil, para identificar e diagnosticar os problemas relativos ao medo, é o das reuniões com a comunidade. Os cidadãos que costumam frequentar reuniões públicas costumam ser abertos e dispostos a conversarem sobre os seus receios e preocupações. Pode-se contar com eles no que toca a fornecer informações sobre os problemas relativos aos crimes mais sérios e às desordens que costumam ocorrer no seu bairro, incluindo os locais específicos e os indivíduos que os atemorizam e fazem sentir inseguros, ou às suas famílias. As reuniões comunitárias apresentam diversas vantagens sobre outros tipos de métodos para obter dados sobre o medo do crime. Uma das vantagens resulta directamente da discussão de grupo – por vezes, as observações de um residente despoletam comentários adicionais e/ou consenso acerca de um determinado problema da vizinhança, criando um tipo de sinergia que não surge, necessariamente, no decurso das entrevistas individuais usadas durante os inquéritos (CORDNER, 2010, p. 39).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no trabalho em questão foi uma pesquisa quantitativa, uma vez que foi aplicado um questionário fechado, estruturado de forma objetiva, seguindo uma linha gradativa. O questionário foi desenvolvido tendo como base escalas e gráficos que visam mensurar a vitimização, medo do crime e sensação de segurança sobre a percepção dos moradores do Setor Santa Fé, no município de Goiânia. Além disso, o questionário trouxe questões sobre aspectos sócio demográficos, experiências de vitimização, de medo do crime e de percepção da sensação de segurança pública, ao considerar os serviços prestados pelos órgãos de segurança pública do Estado de Goiás. A análise dos dados foi realizada por meio de técnicas estatísticas, buscando associar padrões e correlações significativas entre as variáveis estudadas. O questionário foi formulado na plataforma digital Google Forms (*Google Formulários*) e aplicado a 101 moradores do Setor Santa Fé, por meio de aplicativos de mensagens e redes sociais, a exemplo do WhatsApp e E-mail. Ainda nesse viés, foram distribuídos em comércios, residências e pontos estratégicos do Bairro cartões impressos em folha A4, com QR Codes que ao serem acessados, conduziram ao link das respectivas perguntas do questionário.

Dessa maneira, foi inicialmente compartilhado em grupos de WhatsApp o link com as perguntas do questionário, e foi sendo alimentado ao longo dos dias, assim como, logo após, foram entregues os cartões QR Codes nas intermediações do Setor Santa Fé, em comércios, residências e estabelecimentos da localidade. Assim, a coleta de dados precisa ser rigorosamente preparada, exigindo o treinamento dos aplicadores do questionário, pois deve acontecer de forma homogênea, sem a interferência do aplicador. Assim, a pesquisa quantitativa utiliza como instrumento de coleta um questionário com perguntas que têm respostas padronizadas, que se aplica a determinados informantes, em um certo período de tempo, sob certas condições. Por fim, a pesquisa quantitativa é mais usada em estudos que pretendem confirmar determinadas hipóteses, ou seja, realizar uma verificação que tenha uma medição específica, que traga igual oportunidade à hipótese, seja para ser aceita, ou para ser rejeitada no estudo a ser realizado (BRICEÑO-LEÓN, 163, p. 2003).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

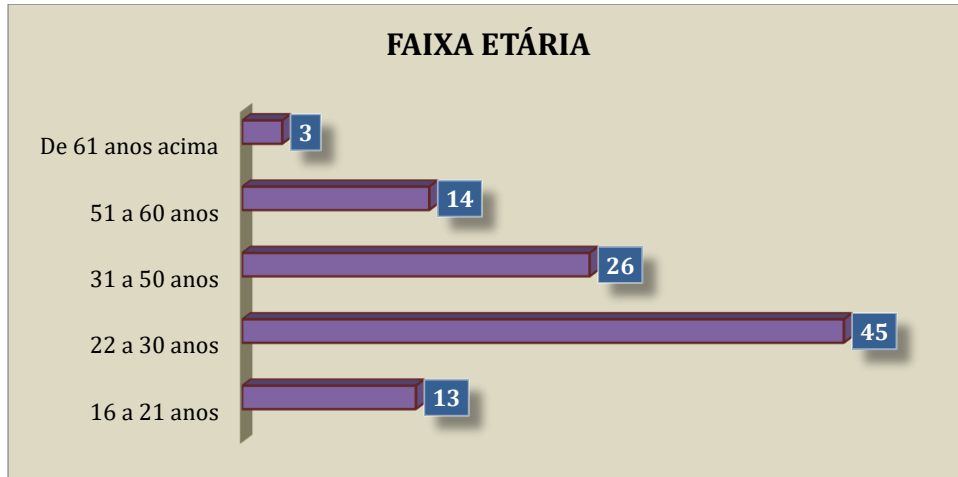
O objetivo principal deste presente estudo foi avaliar a sensação de segurança pública dos residentes do Setor Santa Fé, localizado em Goiânia, no Estado de Goiás. Particularmente, o objetivo com maior relevância foi examinar as principais fontes de medo do crime ou insegurança, como locais e circunstâncias, experiências de vitimização e variações nas percepções de segurança no Setor. Também buscou-se quantificar os níveis percebidos de vitimização da população local e avaliar a confiabilidade e a satisfação das pessoas com os serviços de segurança pública. Além disso, é importante destacar que foram examinadas as respostas dos moradores, pois essas informações são essenciais para compreender o perfil dos moradores do Setor Santa Fé, no município de Goiânia, em relação ao sexo, ao tipo de residência e ao nível de escolaridade, tipos de crimes com maior incidência, experiências vividas ou conhecidas com crimes e seus maiores medos em relação à segurança do bairro.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Em primeira análise, no que se refere às informações da descrição dos moradores que responderam o questionário, foram destacadas perguntas específicas a respeito do sexo, da idade e do grau de escolaridade. Diante desse viés, verificou-se que dentre os 101 moradores

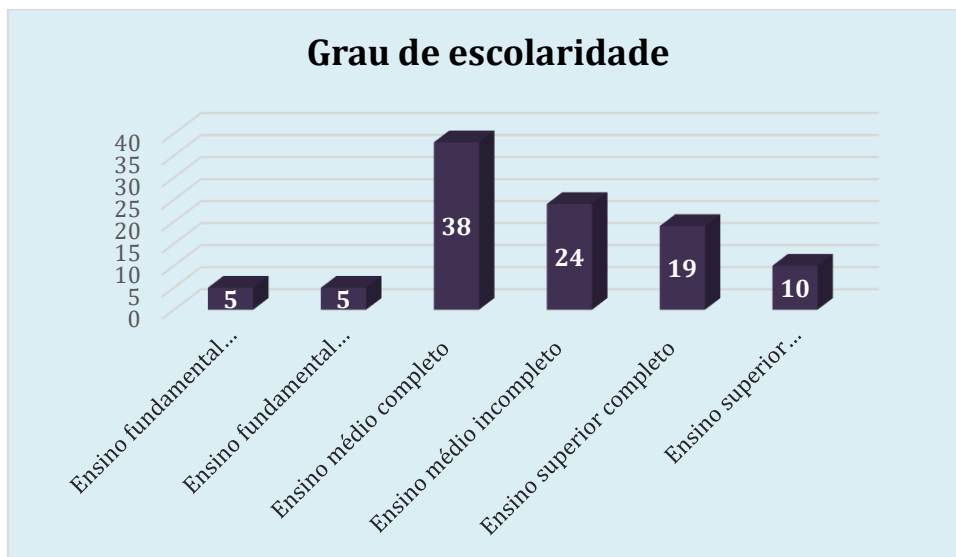
analisados, 57 eram homens, e 44 eram mulheres. Ademais, os demais dados extraídos do questionário foram apresentados ilustradamente nas Figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1 – Número de moradores de acordo com a faixa etária



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 2 – Grau de escolaridade dos moradores

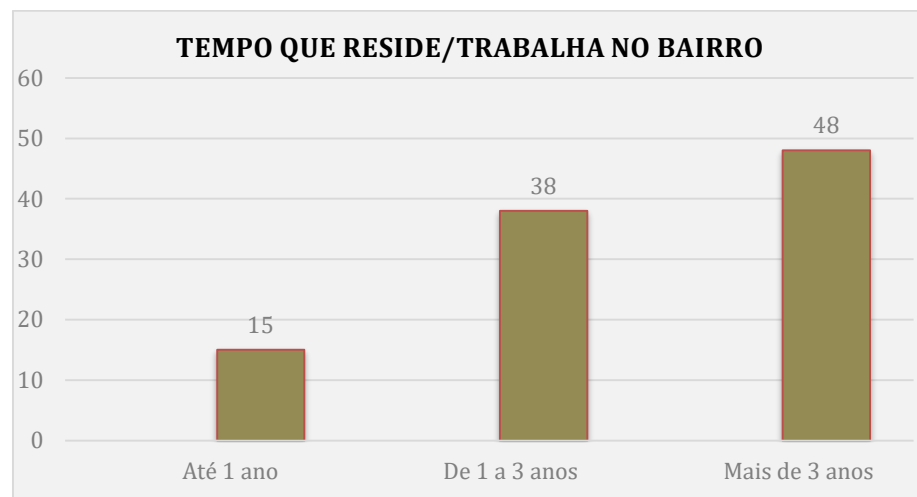


Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

De acordo com a primeira ilustração (figura 1), os questionários revelaram que a maioria dos moradores que participaram da pesquisa estão com idade entre 22 a 30 anos ($n=45$), que equivale a 44% dos moradores, em seguida os que estão com idade entre 31 a 50 anos ($n=26$), que corresponde a 25% do total de moradores. Ainda com base nas ilustrações, sobretudo conforme a Figura 2, foi verificado por meio dos questionários que a prevalência no que tange ao grau de escolaridade é a do ensino médio completo ($n=38$), sendo este número 37% do número total de moradores, em seguida o ensino médio incompleto ($n=24$), equivalendo a 23% dos moradores avaliados.

Além dos dados mencionados anteriormente, outras informações foram usadas para avaliar os moradores do bairro, tais como a quantidade de pessoas que convivem em casa, e os dados referente a esse aspecto foram ilustrados na Figura 3. Inicialmente, é possível sugerir uma maior confiança nas informações seguintes, isso porque a maioria informou morar há varios anos no bairro e portanto conhecem bem as minúcias da localidade. Portanto, quanto ao tempo em que os indivíduos residem ou trabalham no setor Santa Fé, a grande maioria (n=86) mora há mais de 1 ano no bairro, sendo que mais especificamente, 38 moram entre 1 a 3 anos e 48 moram há mais de 3 anos na localidade.

Figura 3 – Período que moram/trabalham no bairro



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Por outro lado, de acordo com o fator de número de indivíduos que convivem em casa junto aos moradores, foi observado que, dentre os 101 indivíduos que participaram da pesquisa, a maioria morava com 2 pessoas (n=35), representando 34% dos residentes. Os moradores que moravam com 3 a 5 pessoas eram 33, que representavam 32% dos residentes. Adicionalmente, as que moram com mais de 5 pessoas são 12 e aquelas que moram sozinhas são 21.

Ainda, ao tratar do tipo de residência dos 101 moradores, foi possível verificar os seguintes resultados, de acordo com a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Tipo de residência

Apartamento	25
Casa térrea	40
Chácara/sítio ou propriedade rural	4
Condomínio fechado	7
Quitinete/casa geminada	25

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

4.2 SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E MEDO DO CRIME E EXPERIÊNCIAS DE VITIMIZAÇÃO NO BAIRRO

Ao mesmo tempo, outras perguntas foram examinadas, tais como aquelas relacionadas aos horários que mais geram insegurança e medo em relação aos crimes na comunidade, assim como perguntas relacionadas às experiências de vitimização dos residentes do setor Santa Fé. Diante desses fatos, no que tange aos horários, 68% dos residentes relataram sentir mais medo do crime em horário noturno. Além disso, a respeito de se sentir inseguro/com medo ao passar em ruas que não tem iluminação ou são mal iluminadas, somam 70% entre aqueles que concordam parcialmente e os que concordam totalmente, o que reforça a visão de LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G (2014), segundo a qual as ruas mal iluminadas, que trazem o aspecto de escuridão, assim como o fato de a sensação de medo do crime ter se mostrado, ao longo dos anos, mais significativa quando atrelada ao horário noturno mostram-se ser fatores impulsionadores não somente do medo do crime, como também da insegurança nas comunidades.

Paralelamente, quando perguntados sobre o fato de já terem sido vítimas de crime em algum lugar daquele bairro, considerável parte (n=60) relatou que já foi vítima, o que corresponde a 60% dos 101 moradores, conforme o ilustrado na Tabela 2 a seguir:

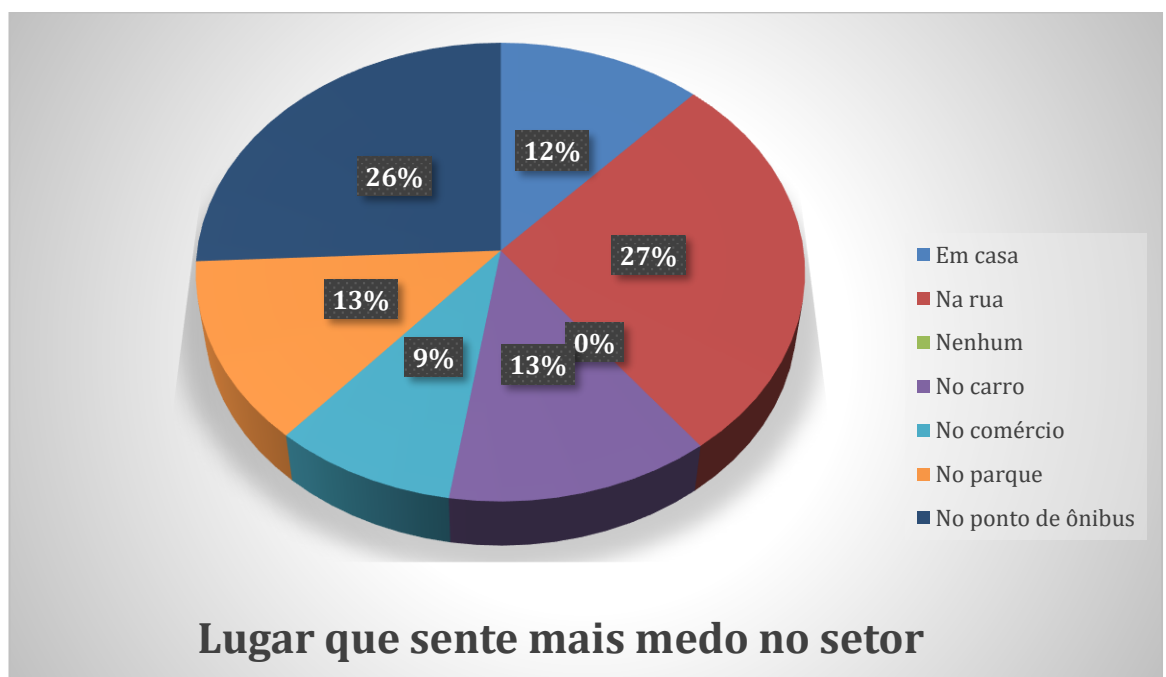
Tabela 2 – Vitimização de crimes no bairro

Roubo	35
Furto	17
Agressão/lesão corporal	4
Tentativa de homicídio	1
Violência sexual	1
Outros	2
Nenhum	41

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Ainda, quanto ao lugar em que as pessoas sentem mais medo do crime no bairro, entre os moradores que já foram vítimas, boa parte (n=28) informou que sente mais medo do crime quando está na rua, outra parte relatou sentir mais medo quando está em casa (n=12), além desses, 13 moradores informaram ser o carro o lugar que sente mais medo, (n=9) respondeu ser o comércio o lugar que sente mais medo, e por fim, 13 deles relataram que seria no parque, seguido do ponto de ônibus (n=26), conforme a Figura 4 a seguir, ilustrada em percentuais, da seguinte forma:

Figura 4 – Qual o lugar em que as pessoas sentem mais medo no setor?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Diante do que foi apresentado, essas constatações dizem respeito ao fato de que grande parte da população local analisada sofre ou já sofreu com a vitimização de crimes na localidade. Por conseguinte, a visão de (Dantas, 2006), fica ainda mais esclarecida, uma vez que foi possível, por meio do presente estudo, atrelar os aspectos da vitimização e do medo do crime, uma vez que ficou constatada a argumentação de que já ter sido vítima de crimes impulsiona sobremaneira a sensação de segurança dos moradores.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo sobre a sensação de segurança e o medo do crime no Setor Santa Fé, em Goiânia, revelou nuances complexas e impactantes no âmbito social da comunidade. A

análise cuidadosa da percepção dos moradores em relação à segurança pública proporcionou visões valiosas sobre as dinâmicas locais, permitindo uma compreensão mais profunda das questões que permeiam a sensação de segurança.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa quantitativa revelaram que a maioria dos moradores do Setor Santa Fé sente-se insegura, principalmente durante o período noturno. O medo do crime, muitas vezes associado à falta de iluminação em determinadas áreas, demonstrou ser um elemento significativo na construção dessa sensação de insegurança. A relação entre vitimização e medo do crime foi evidente, corroborando a ideia de que experiências pessoais influenciam diretamente na percepção de segurança. Ainda, a iluminação pública inadequada e a falta de manutenção em áreas urbanas foram identificadas como pontos críticos, sugerindo que melhorias nesses aspectos podem contribuir para a redução do medo do crime. Estratégias que promovem a coesão social, como o policiamento comunitário e a comunicação entre os moradores, também foram destacadas como potenciais soluções para fortalecer o sentimento de segurança.

As considerações finais deste estudo indicam que, embora o Estado tenha a responsabilidade constitucional de garantir a segurança pública, a construção da sensação de segurança é um processo complexo que envolve não apenas a presença policial, mas também fatores sociais, urbanos e psicológicos. A interação entre os moradores, o ambiente urbano bem cuidado e a comunicação eficaz são elementos-chave para criar uma comunidade mais resiliente ao crime. No entanto, reconhecemos algumas limitações neste estudo. A amostra pode não representar totalmente a diversidade da comunidade, e a pesquisa quantitativa, embora forneça dados valiosos, não captura totalmente a riqueza das experiências individuais. Sugere-se que pesquisas futuras incorporem abordagens qualitativas para uma compreensão mais aprofundada das percepções de segurança.

Em suma, este trabalho não apenas lança luz sobre a sensação de segurança no Setor Santa Fé, mas também oferece contribuições para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes. Ao enfrentar as preocupações específicas da comunidade e promover a participação ativa dos moradores, é possível criar um ambiente mais seguro e resiliente para todos.

REFERÊNCIAS

BRICEÑO-LEON, R. Trabalhando com a diversidade metodológica Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais (PARTE III). In: GOLDENBERG, P., MARSIGLIA, RMG and GOMES, MHA., orgs. O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

CORDNER, G. **Reducing fear of crime: Strategies for police.** Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice, 2010.

COSTA, A.T.M, DURANTE, M. **Polícia e o Medo do crime no Distrito Federal.** DADOS, Rio de Janeiro v.62, n.1, p.1-31, 2019.

DANTAS, George Felipe de Lima; SILVA JÚNIOR, Álvaro Pereira da; PERSIJN, Annik. **O Medo do Crime.** 2006. Disponível em: [http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20\(60\).pdf](http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20(60).pdf).

FERRARO, K. F. (1995). **Fear of Crime: Interpreting Victimization Risk.** Albânia: State University of New York Press. Acesso em: 01 out. 2023, disponível em > https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=98Mq8xQy0cAC&oi=fnd&pg=PR9&ots=10uvVh6oHq&sig=BYG0arsK2CskJNz6reL4Z2qcXs8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOIÁS. SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA. **Plano Estratégico da Secretaria de Estado da Segurança Pública 2022-2031.** Goiânia: SSPGO, 2022.

GUEDES, I.S, CARDOSO, C. e AGRA, C. Medo do Crime: **revisão conceptual e metodológica.** In: AGRA, Candido da. (Org) A Criminologia: um arquipélago interdisciplinar. Editora Universidade do Porto, Portugal, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ines-Guedes-4/publication/289745762_Medo_do_crime_revisao_conceptual_e_metodologica/links/579b4efb08ae80bf6ea33a06/Medo-do-crime-revisao-conceptual-e-metodologica.pdf

JACKSON, J. (2006). **Reassessing the Fear of Crime.** Criminal Justice Press.

LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. (Orgs.). **Crime, polícia e justiça no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

NATAL, A; OLIVEIRA, A.R. **Medo do crime: mensurando o fenômeno e explorando seus preditores na cidade de São Paulo.** OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 27, nº 3, set.-dez., p. 757-796, 2021.

PAZ, R. N. G. **Sentimento de insegurança e atitudes em relação à polícia.** 2018. 139f. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – Universidade do Porto, Porto, 2018.

RICO, J. M; SALAS, L. **Delito, insegurança do cidadão e polícia: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, 1992.

RODRIGUES, C.D; OLIVEIRA, V. C. Medo do crime e desordem: **Uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de Minas Gerais**. Teoria & Sociedade, n. 20.2, p. 156-184, 2012.

SAMPSON, R. J., Raudenbush, S. W., & Earls, F. (1997). Neighborhoods and violent crime: A **multilevel study of collective efficacy**. Science, 277(5328), 918-924.

SANTOS, L. C. dos. **Medo do Crime e Estudantes Deslocados**. 2020. 100f. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – Universidade do Porto, Porto, 2020.

SILVA, B. F. A. D.; BEATO FILHO, C. C. **Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime**. Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 30, p. S155-S170, 2013.

SILVA, C. L. da. **O papel dos media no sentimento de insegurança: um estudo qualitativo**. 2019. 133f. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – Universidade do Porto, Porto, 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE A SENSACÃO DE SEGURANÇA

1. Moro/trabalho no Município / Bairro

Sim ou área urbana

Não ou área rural

2. Sexo

Masculino

Feminino

3. Idade

de 16 até 21 anos

de 51 a 60 anos

de 22 a 30 anos

de 61 anos acima

de 31 a 50 anos

4. Grau de escolaridade

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino fundamental incompleto

Ensino superior completo

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

5. Há quanto tempo você mora/trabalha neste bairro?

Até um ano.

De 1 a 3 anos.

Mais de 3 anos.

6. Com quantas pessoas você convive em casa?

Sozinho(a).

com 3 a 5 pessoas.

com 2 pessoas.

com mais de 5 pessoas

7. Você reside em?

Apartamento.

Condomínio fechado

Quitinete/casa geminada.

Chácara/sítio ou propriedade rural

8. Qual lugar que você se sente mais medo no bairro?

- Em casa.
- Na rua. No carro.
- No parque. No comércio
- No ponto de ônibus. Nenhum

9. Que horário você sente mais medo de crime no bairro?

- Manhã (06h às 12h). Madrugada (00h às 06h).
- Tarde (12h às 18h). Nenhum horário
- Noite (18h às 00h).

10. Qual o tipo de crime que você tem mais medo no bairro?

- Homicídio. Furto.
- Violência sexual/estupro. Outros.
- Roubo. Nenhum

11. Você foi vítima de algum desses crimes neste último ano no bairro?

- Roubo. Violência sexual
- Furto. Outros.
- Agressão/lesão corporal Nenhum.
- Tentativa de homicídio.

12. Algum vizinho ou familiar foi vítima de crime no último ano?

- Sim.
- Não.
- Não sabe

13. Você faz participa de alguma associação, grupo de vizinhos (mesmo que por grupo de mensagens instantâneas) do bairro?

- Sim.

Não.

Não sabe responder.

14. Como você se informa sobre ocorrência de crimes e atos de violência no bairro ? *

Televisão.

Internet.

Redes sociais (whatsapp/instagram/
facebook).

Jornal impresso.

Conversando com pessoas no seu
bairro.

Nenhum

15. Sobre você se sentir seguro, leias as afirmativas e escolha a alternativa.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente.	Concordo totalmente
A. Sinto seguro de andar pelas ruas durante o dia					
B. Sinto seguro de andar pelas ruas durante a noite					
C. Sinto seguro quando vejo viatura da polícia militar passar na rua de casa					
D. Sinto seguro quando vejo policiais militares em pé parados ao lado de viaturas					
E. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar fazendo blitz de trânsito.					
F. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (revistas) pessoas e veículos.					
G. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (parando e revistando/buscas) pessoas e veículos.					
H. Sinto seguro quando eu vejo muitas viaturas passando uma atrás da outra em comboio pelas ruas.					
I. Sinto seguro quando vejo viaturas da ROTAM, CPE, BOPE, GIRO, CHOQUE passando nas ruas					
J. Sinto seguro quando vejo as viaturas do corpo de bombeiros militares em serviço nas ruas					
K. Sinto seguro quando presencio o corpo de					

bombeiros em atendimento de socorro ou emergência					
L.Sinto seguro quando vejo as viaturas da polícia civil nas ruas					
M. Sinto seguro quando anuncia que policiais civis fazendo investigações de criminosos no meu bairro/cidade					
N. Sinto seguro quando vejo ações policiais nos presídios					
O. Sinto seguro quando vejo viaturas da Guarda Municipal nas ruas, nos parques e praças					
P. Sinto seguro quando passo por câmeras de monitoramento					
Q. Sinto seguro quando vejo notícias (na TV e redes sociais) de prisões e operações das forças de segurança pública no combate à criminalidade					
R. Sinto seguro quando estou sendo atendido pelos órgãos de segurança do Estado de Goiás					
S. Sinto Seguro no Estado de Goiás					

16.Sobre você se sentir inseguro/medo, leias as afirmativas e escolha a alternativa.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente.	Concordo totalmente
A . Sinto medo/ inseguro quando vejo ou passo perto de pessoas usando drogas nas ruas/local público					

B. Sinto medo/ inseguro de pessoas estranhas ao bairro andando pelas ruas.					
C. Sinto medo/ inseguro de ver ou passar perto de pessoas embriagadas nas ruas					
D. Sinto medo/ inseguro de passar em ruas que não tem iluminação ou mal iluminadas.					
E. Sinto medo/ inseguro de ruas com lotes com mato alto.					
F. Sinto medo/inseguro de passar perto de pessoas com som alto (em veículos) nas ruas					
G. Sinto medo/inseguro de ruas e casas abandonadas ou com pichações e sinais de abandono.					
H. Sinto medo/insegurança de passar por bares e distribuidora de bebidas com pessoas na porta.					
I. Sinto medo/inseguro quando passo por ruas com entulhos, lixo e sujas.					
J. Sinto medo/ inseguro quando vejo homens passando de motos.					
K. Sinto medo/inseguro quando vejo carros parados na rua de casa com pessoas/homens dentro do veículo.					

17 Sobre a credibilidade/confiança nos órgãos de segurança pública de Goiás.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
A. Eu confio nos serviços da Polícia Militar de Goiás					
B. Eu confio nos serviços da Polícia Civil					

C. Eu confio nos serviços da Polícia Técnico Científica					
D. Eu confio nos serviços do Corpo de Bombeiros					
E. Eu confio nos serviços da Polícia Penal					
F. Eu confio nos serviços do Procon.					
G. Em geral, eu confio nos serviços de Segurança pública do Estado de Goiás					

18. Sobre a satisfação com o atendimento dos serviços dos órgão de segurança pública de Goiás.

	Muito insatisfeito.	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito.	Satisfeito.	Muito Satisfeito.
A. Sinto satisfeito pelo atendimento realizado (serviços) pela Polícia Militar de Goiás					
B. Sinto satisfeito pelo atendimento realizado (serviços) pelo Corpo de Bombeiros Militares					
C. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Civil de Goiás					
D. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Científica (IML, Perícias, Instituto de Criminalística)					
E. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Penal nos presídios					
F. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pelo Procon					